

Eficiência na reprodução

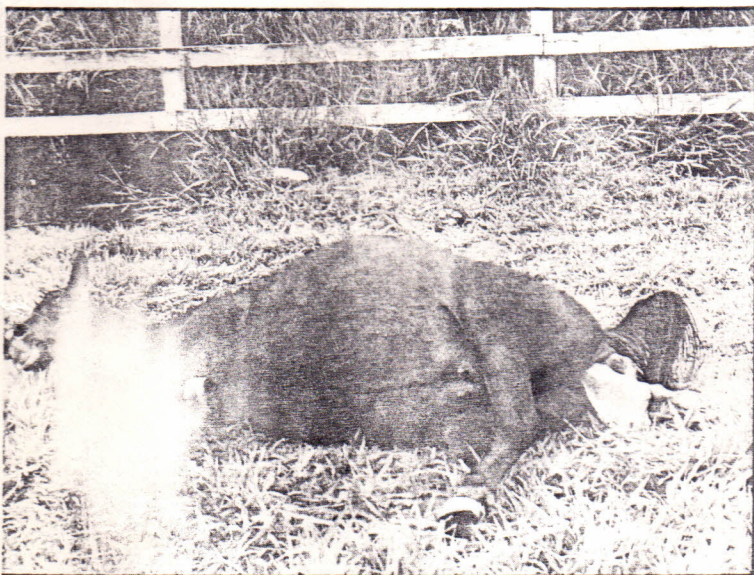
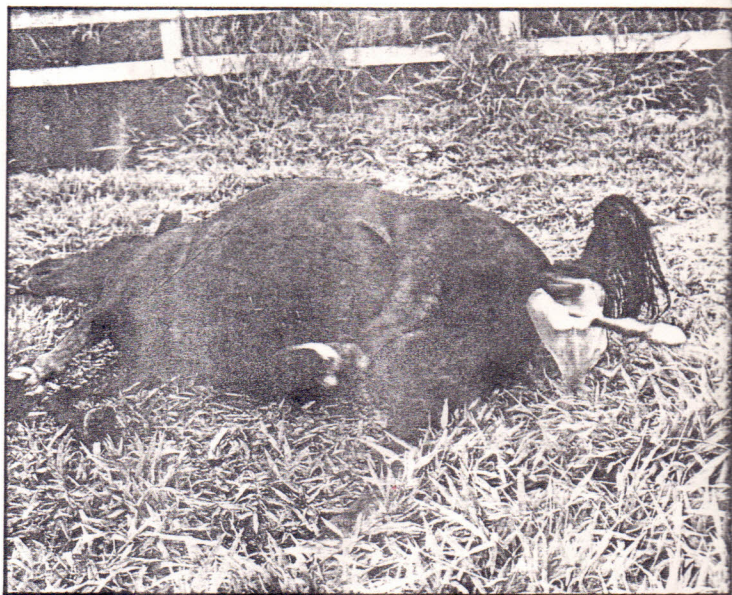
S
6729

Um recente estudo realizado pela pesquisadora Maria Marina Unanian, da Embrapa, em éguas da raça Árabe, revelou que ao se conhecer melhor o comportamento eqüino antes e após o parto, pode-se conseguir maior eficiência e êxito no manejo reprodutivo.

As éguas Puro Sangue Árabe e Cruza Árabe da fazenda Canchim da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), de São Carlos, foram alvo de um recente estudo do comportamento pré e pós parto em eqüinos, realizado pela pesquisadora e doutora Maria Marina Unanian. Esse trabalho foi elaborado com o propósito de estabelecer um manejo reprodutivo mais eficiente e nele constam desde sintomas até o momento da parição, passando pela variação do tempo de gestação de cada raça.

Na criação dos eqüinos da Embrapa o período reprodutivo se inicia no mês de julho e se estende até dezembro. De julho a agosto as éguas solteiras (vazias) são submetidas a um programa de luz artificial, que provoca o adiantamento das partições e a sincronização do cio. As éguas prenhes permanecem em pastagens de coast cross e próximo ao parto são levadas para um "piquete maternidade", separado dos outros, para um melhor acompanhamento. Esse local deve ser limpo, confortável e tranqüilo.

A época de parição se concentra nos meses de agosto a dezembro, que é uma estação mais propícia para um novo cruzamento, melhor para o desenvolvimento de potros, para o controle sanitário e reprodutivo, além de uma boa época para a comercialização dos produtos da criação.



A duração da gestação - Nas éguas Puras leva em média 337 dias e nas Cruzas em média 330. As matrizes, principalmente multíparas (com mais de uma parição), deram a luz antes da data prevista, sendo que as puras pariram dentro de uma faixa de um a 18 dias e as Cruzas de um a 31 dias. As que menos adiantaram o parto foram as primíparas, ou seja, éguas de primeira cria. Os animais que ultrapassaram o dia previsto para o parto apresentaram sintomas como: secreção láctea e relaxamento profundo do abdomen. Isso ocorreu devido ao afrouxamento da articulação sacro-ilíaca e ligamentos sacro-isquiáticos e, esses casos foram rigoro-

samente observados. A experiência mostrou que se houver uma demora é necessário recorrer ao auxílio externo, que pode ser feito por uma pessoa acostumada a auxiliar partos ou por um veterinário evitando assim a morte do feto ou até mesmo da mãe.

Duração do parto - Nas éguas Puras teve uma duração média de 30 minutos e nas Cruzas chegou a ter uma média de 56 minutos.

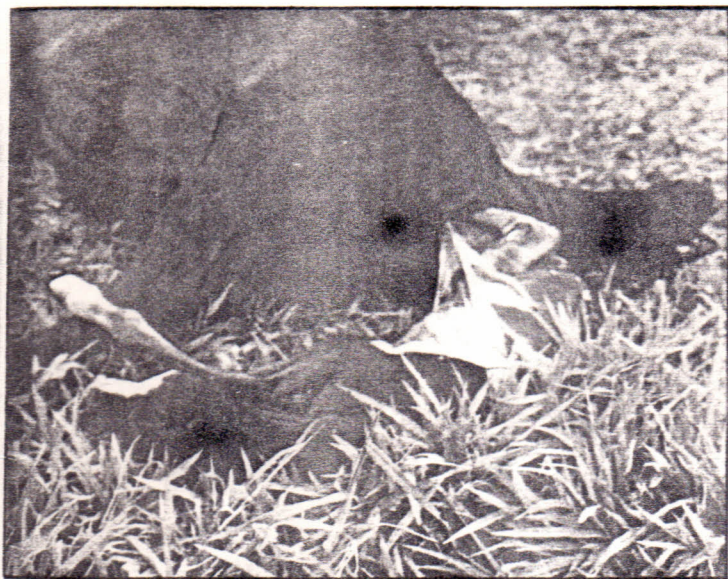
Antes do parto - Aconteceu uma fase de preparação que levou cerca de um a cinco dias, onde os animais se comportavam como se estivessem parindo. As éguas permaneciam



Após o parto - Quando ocorre a demora da eliminação da placenta, isso é raro, mas pode interferir no cuidado que a égua mãe tem com sua cria, logo nos primeiros momentos após o parto. Para evitar essa rejeição, que poderá prejudicar o recém-nascido, a placenta deverá ser retirada por auxílio externo. A cria sempre tem de ser cheirada pela sua mãe ou acariciada por uma pessoa bastante calma. Este momento é muito delicado e deve acontecer em um local bem tranquilo, longe de maiores ruídos.

Horários de parto - Foi notado que o horário de maior frequência de partições ficou em torno das 2 às 4 horas, atingindo uma média de 43% dos partos; das 20 às 23h30min atingiu uma incidência de 38% e das 4:30 às 7:30 ficou com 14%. É bom lembrar que os partos durante o dia são raros. Com o conhecimento dos prováveis horários de partições é possível observar e auxiliar sempre que necessário o trabalho de parto das éguas. Com isso pode-se evitar perdas na criação.

Rejeição do potro - É considerado quando a égua mãe se recusa a amamentar o potro, chegando mesmo a agredi-lo. As éguas que mais rejeitam as crias são as primíparas, ou de primeira cria. As causas desse fenômeno podem ser várias, como: presença de outras éguas prenhas que possam cuidar do recém-nascido no lugar da mãe, presença de garanhões o que as deixam agressivas, a não permanência da placenta no local do parto etc.. Este último é muito importante, a placenta e os envoltórios fetais não devem ser retirados do estábulo ou piquetes em que a égua deu a luz, antes de no mínimo duas horas, ou antes do primeiro contato da mãe com o filho. Sendo que a presença desses elementos favorecem a aceitação da cria pela mãe. Um outro fator que pode causar rejeição é o contato da cria com pessoas estranhas nas primeiras 24 horas pós-parto. Os arabistas devem tomar muito cuidado com esse processo, pois, consta em literaturas sobre comportamento equino, que os animais da raça Árabe têm maior facilidade para rejeitarem seus filhotes.



imóveis a maior parte do tempo, às vezes deitavam em decúbito lateral, apresentando respiração ofegante, ora em decúbito dorsal, virando de um lado para outro. Após cinco a 10 minutos elas se levantavam e caminhavam inquietas. Estes sintomas da fase preparatória e do comportamento foram menos frequentes em matrizes múltiparas.

No momento do parto - A égua deitada em decúbito lateral, apresentava intensa sudorese (transpiração), fortes contrações, levando repetidamente, os membros posteriores em direção aos anteriores. No início, porém, houve o rompimento das bolsas fetais com abundante saída de líquido. Em seguida aconteceu a expulsão do feto e logo após da placenta. Essa pode ser expulsa em até 30 minutos após a saída completa do feto. Se isso não acontecer em até 6 horas, após a partição, é considerado retenção de placenta. Nesse caso o problema deve ser sanado dentro de no máximo 24 horas, para evitar danos posteriores à égua. A matriz deve ser auxiliada, para evitar a possível morte do feto, se for observada alguma anormalidade no momento do parto, que pode ser detectada, quando a égua mãe não diminui a intensidade das contrações abdominais, se as patas do feto aparecem e desaparecem a cada contração e se passar do tempo previsto. E para evitar o sufocamento do recém-nascido, a placenta que envolve sua cara deve ser retirada.